

IMERSÃO NAS ARTES AFRICANA E AFRO-BRASILEIRAS EM SERIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Leidiana Bezerra da Silva¹
Gescineuda Bento de Lucena²
Joilson Silva de Sousa³

RESUMO

Apresentamos por meio deste artigo uma reflexão sobre as atividades desenvolvidas em um Estágio Curricular obrigatório do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará. Neste estágio foram trabalhadas temáticas voltadas para a Educação das Relações Étnico-raciais em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental, de uma escola da rede pública na cidade de Quixelô-Ceará. Visando contribuir com um resgate histórico dos povos africanos e afro-brasileiros, e valorizar a sua contribuição na formação da sociedade brasileira, e com o intuito de aproximar os educandos a cultura africana e afro-brasileira foram desenvolvidas diversas atividades artísticas como desenhos e pinturas de pessoas negras, esculturas de máscaras africanas com argila, confecções de bonecas *abayomi*, entre outras. Utilizando-se do lúdico como ferramenta de apropriação da aprendizagem significativa e efetiva desenvolveu-se a representatividade da criança negra na sala de aula, debateu-se o preconceito racial sensibilizando acerca do respeito às diferenças e a importância de ser uma pessoa antirracista. Por outro lado, observa-se a necessidade de ser trabalhado na sala de aula essas temáticas em uma perspectiva mais positiva que enalteça a cultura preta, evitando abordagens preconceituosas e/ou caricatas da história e cultura africanas e afro-brasileiras, levando o educando a ter uma visão acerca do seu pertencimento racial.

Palavras-chave: Estágio, Relações Étnico-raciais, Artes.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade refletir sobre atividades desenvolvidas em um Estágio Curricular obrigatório do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará. Abordando temáticas voltado para as relações étnico-raciais, aproximando o educando da cultura africana e afro-brasileira, principalmente no aspecto que enaltece a arte africana.

O trabalho foi desenvolvido em uma turma de 5º ano do ensino fundamental, durante as aulas da disciplina de artes. A partir das observações e vivências do estágio foi

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, leidiana.bezerra@aluno.uece.br;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, gescineuda.lucena@aluno.uece.br;

³ Doutor em Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Rio Grande do Norte – RN, joilsondesousa@hotmail.com.

possível subsidiar as seguintes atividades: Conhecimento da história da instituição escolar, conhecimentos sobre suas relações com a comunidade externa, socialização com os educandos e profissionais da escola, foi desenvolvido atividades como; pintura, desenho, escultura, música e entre outros que fazem parte do universo artístico.

Neste trabalho foi possível compreender a importância do estágio supervisionado, pois é através dele que podemos ter contato direto com a prática, tendo a oportunidade de identificar-se com a profissão. Os “estágios supervisionados uma parte importante da relação trabalho-escola, teoria-prática, e eles podem representar, em certa medida, o elo de articulação orgânica com a própria realidade” (KULCSAR, 1991, p. 63).

O estágio na turma de alfabetização nos permitiu conhecer de fato a realidade, de ter contato com a prática, trazendo contribuições para a construção da nossa Identidade Docente, assim fazendo refletir sobre nossa futura profissão.

Foi possível com o estágio supervisionado ver através da arte, as belezas da cultura africana, suas diversidades, costumes, religiões e que influenciou também na cultura brasileira. Conforme Santos (2016, p. 218) “O negro contribuiu com a cultura brasileira em seus vários aspectos, desde as Artes, língua, religião, economia e indústria”.

O Brasil teve o privilégio de receber em sua cultura uma grande contribuição da população africana, na culinária, costumes, música, dança e na arte. Assim, consideramos um lugar com uma vasta diversidade cultural, com a maior contribuição vinda dos povos africanos e dos povos originários. “O legado africano para o Brasil é imenso. Foram os negros que povoaram o Brasil, mesmo compulsoriamente, ao contrário dos europeus que fizeram daqui uma Colônia de exploração”. (SANTOS, 2016, p. 218).

A valorização da diversidade cultural brasileira, em especial daquelas culturas que foram historicamente atacadas, é uma questão central na educação brasileira contemporânea. Nesse sentido, a aprovação da Lei 10.639/03 que tornou obrigatório em todas as escolas do país o ensino de história da África e de história e cultura afro-brasileira, e a Lei 11.645/08 acrescentado a obrigatoriedade do ensino de história e cultura indígena, foram marcos históricos fundamentais no modo como a educação escolar brasileira encara a diversidade cultural.

A cultura preta é um importante ponto a se levar ao ambiente escolar, valorizar as culturas que foram oprimidas durante a história é a única forma de respeitarmos as nossas diferenças e evitar aquilo que a escritora nigeriana Chimamanda Adichie chama de “o perigo de uma história única”. Nas culturas tradicionais africanas o resgate respeitoso do passado ganha uma importante expressão na palavra ancestralidade.

A história das bonecas *Abayomi* é um exemplo que nos permite resgatar uma parte dessa ancestralidade para falar da dor e da violência que não pode e nem deve ser escondida da nossa história, mas também para resgatarmos a força e a coragem para resistir a opressão, para resgatarmos os laços vitais que uniam as mães e suas filhas por um pedaço de tecido “sacralizado” no ato de criar um brinquedo, uma companhia, uma lembrança, uma esperança. Tudo isso é um único ato de amor.

A escola pode fazer esse resgate ancestral não somente para valorizar aquelas pequenas crianças que se reconhecerão na cor da pele das bonecas, mas também para aquelas crianças não-negras que poderão aprender a respeitar a história dos povos africanos e afro-brasileiros e se sentir ligados àquelas histórias. Ao falar de arte devemos considerar a grande contribuição da África no mundo artístico, a beleza e riqueza de sua cultura.

O racismo não pode ser tratado como uma questão de preconceito individual que estaria presente apenas na cabeça e nas atitudes de alguns indivíduos isolados. O racismo é calcado na própria formação da nossa sociedade, por isso ele atravessa tão distintas instituições sociais do espaço doméstico familiar à escola.

A professora Eliane Cavalleiro no seu livro *Do silêncio do lar ao silêncio escolar* mostra uma gama de situações em que crianças negras sofrem discriminações raciais em sala de aula. Para a autora (2010, p.58), “vivendo numa sociedade com uma democracia racial de fachada, destituída de qualquer preocupação com a convivência multiétnica, as crianças aprendem as diferenças, no espaço escolar de forma bastante preconceituosa”. O estudo da professora demonstra a importância e a necessidade de atentarmos para as questões étnico-raciais desde a educação infantil. E desde essa etapa da nossa educação escolar procurar formas de valorização e respeito às diferenças.

Como escreve Silva (2009, p.102) “o currículo é, sem dúvida, entre outras coisas, um texto racial. [...] A questão torna-se, então: como desconstruir o texto racial do currículo, como questionar as narrativas hegemônicas de identidade que constituem o currículo?” Como fazer com que falem no espaço escolar as culturas historicamente silenciadas e invisibilizadas? Se, como afirma D’Adesky (2001, p.69) “a escola é, sobretudo, um local de desenraizamento para as crianças negras”, é porque nas paredes, nos livros, nos brinquedos, nas imagens, nos discursos escolares não encontramos os elementos de identidade da cultura afro-brasileira e africana.

Precisamos levar representatividade para o ambiente escolar, fazer com o que os educandos se identifiquem com personagens de histórias, príncipes e princesas negras,

histórias que valorize esses personagens trazendo como protagonistas, pois por muito tempo o negro só era visto em histórias em situações subalternas e negativas. De acordo com Adiche (2017, p. 52), “Ensine-lhe a sentir orgulho da história dos africanos e da diáspora Negra. Encontre heróis e heroínas negros na história. Existem. Você talvez precise contradizer algumas coisas que ela aprenderá na escola”.

METODOLOGIA

Este trabalho traz como referência a pesquisa qualitativa que exige um estudo mais amplo de uma pesquisa, levando em consideração o contexto que o objeto de estudo está inserido. Para Oliveira (2013), a pesquisa qualitativa pode ser vista como um processo de reflexão e investigação da realidade, utilizando de métodos e técnicas para entender o objeto de estudo no seu contexto histórico.

Os dados apresentados foram através de uma vivência no Estágio Curricular obrigatório do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE)- unidade Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu (FECLI). Neste estágio foram trabalhadas temáticas voltadas para a Educação das Relações Étnico-raciais em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental, de uma escola da rede pública localizada na cidade de Quixelô-Ceará. Aproximando o educando da cultura africana e afro-brasileira. Sensibilizando também acerca do preconceito racial existente no ambiente escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao iniciar as observações na instituição notamos que existe uma resistência da escola em trabalhar o ensino de artes, percebemos a exclusão da disciplina, mesmo com sua carga horária reduzida é um componente curricular obrigatório, que visa promover o desenvolvimento cultural dos alunos da educação básica, e deve ser trabalhado em sala de aula de acordo com a Lei 13.278 de 2016, que inclui as artes visuais, a dança, a música e o teatro nos currículos dos diversos níveis da educação básica, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9.394/1996.

Na instituição que realizamos o estágio essa disciplina estava sendo substituída por a disciplina de Língua portuguesa, assim vimos a necessidade de se trabalhar, e em considerar a relevância da Arte na vida das pessoas, principalmente dos educandos das séries iniciais, que estão em processo de aprendizagem e podem se envolver com os

benefícios que o Ensino de Artes possibilita. De acordo com Barbosa (2014, p. 4), a arte é fundamental para a educação de um país, ela ressalta que:

Arte não é apenas básica, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, a Arte representa o melhor trabalho do ser humano. Arte é qualidade e exercita nossa habilidade de julgar e de formular significados que excedem nossa capacidade de dizer em palavras. É o limite da nossa consciência excede o limite das palavras. (BARBOSA, 2014, p. 04)

Neste tópico, serão descritas as observações e atividades vivenciadas durante o período de estágio na escola. A carga horaria total do estágio na escola foi dividida em observações e regência na turma de 5º ano do Ensino Fundamental.

Foi criado e desenvolvido com a turma um microprojeto de artes, mas o intuito principal foi envolver também a história e a cultura africana, intitulado “Com as mãos na Arte: aproximação do educando com a cultura africana e afro-brasileira”.

O projeto foi desenvolvido com o objetivo de aproximar os estudantes com o ensino de artes e ao mesmo tempo com a cultura africana e afro-brasileira, no qual é uma cultura que hoje faz parte da cultura brasileira. Levar a representatividade negra para sala de aula, debates sobre o racismo, e buscar sensibilizar a turma sobre o respeito às diferenças, foram temas que vimos a necessidade de se falar.

Levamos aos alunos algumas atividades como; vídeos, roda de conversa e apresentações com imagens, no qual eles pudessem compreender sobre a cultura africana, e compreendessem toda a construção histórica, que está relacionada a cultura brasileira. fazendo um resgate histórico da vinda dos povos africanos aqui no Brasil, e como a cultura africana contribuiu na cultura brasileira.

Na primeira regência, preparamos uma aula com pintura, sensibilizando sobre o respeito às diferenças, sempre enfatizando a beleza da pessoa negra, justamente porque o tempo, a cultura, a mídia e a sociedade tentam dizer o contrário. Ressaltamos os quão especiais e belos são as diversas tonalidades de peles, o quão graciosos são os cabelos crespos e que não há problema nenhum não está nos padrões determinados pelos europeus.

Figura 1- Enaltecendo a beleza negra.

Fonte: Acervo dos autores (2024).

Debatemos em uma roda conversa sobre sua “identidade”, com uma dinâmica do “reflexo no espelho” Perguntando como eles se viam na frente do espelho, e qual era sua cor de pele. Falamos também sobre a importância de ser uma pessoa antirracista, mostrando que a luta pelo respeito é dever de todos e não só da pessoa negra, mas de toda sociedade.

Apresentamos algumas expressões racistas que falamos constantemente e que podemos excluir do nosso vocabulário. Logo em seguida pedimos que eles fizessem um desenho representando a beleza da mulher negra, para melhor desempenho na atividade utilizamos da música para inspirá-los nas pinturas. Foi perceptível a dedicação dos alunos, e o quanto estavam focados em desenvolver a atividade, concluindo com o objetivo da aula.

Em uma outra vivência foi a continuidade sobre a temática “Nossa identidade” cada aluno fez um desenho, a proposta foi um autorretrato, colocando em destaque suas características físicas como; a cor dos olhos, dos cabelos, boca e etc. Depois da construção dos desenhos, a turma montou um mural intitulado “da cor que eu sou” com todos os desenhos feitos. Nessa atividade conseguimos fazer uma reflexão de como nós somos fisicamente, mostrando que todos possuímos características físicas diferentes, mas em direitos e deveres somos iguais. É possível ter um ambiente educacional inclusivo, só precisa de ações que aborde temáticas diversificadas e que não trabalhe somente em uma vertente.

Em uma aula trabalhando as quatro principais linguagens da arte, mediamos uma aula de escultura, presente nas Artes Visuais, fizemos uma breve apresentação em slides sobre as linguagens artísticas, e o tópico escolhido “máscaras africanas”. Levamos vídeos para auxiliar no entendimento sobre os significados das máscaras na cultura africana sua utilização em casamentos, rituais e entre outros eventos para a população africana, pois são muito os tipos e significados diferentes que eles fazem.

Neste mesmo encontro desenvolvemos uma oficina de escultura, confeccionando máscaras africanas, feitas de argila. Os alunos faziam a construção das máscaras ao mesmo tempo que aprendiam a manusear a argila com seus jeitos e formas diferentes, mas que resultou em lindas máscaras. Após a secagem das peças para obter rigidez e resistência foi o momento de fazer as pinturas das máscaras que as crianças tinham produzido. Apresentamos nas cores das tintas várias tonalidades e brincamos de misturar as cores primárias para formar as cores secundárias.

Figura 2- Máscaras africanas feito com argila.



Fonte: Acervo dos autores (2024).

Apresentamos uma das artes marciais, a capoeira, que envolve também a música e a Dança, também conversamos sobre a importância da capoeira que foi trazida pelos povos escravizados e se inseriu na nossa cultura popular brasileira. Em seguida, juntamente com as crianças dançamos capoeira com música e uma roda de Capoeira com auxílio de um capoeirista da região. Utilizamos diferentes brincadeiras de origem africana, como; terra e mar, amarelinha africana, *kudoda*, e gato come o rato.

A partir de uma contação de história sobre as Bonecas *Abayomi*, buscamos resgatar uma parte dessa ancestralidade para falar da dor e da violência que não pode e nem deve

ser escondida da nossa história, mas também para mostrar a força e a coragem para resistir a opressão, para resgatarmos os laços vitais que uniam as mães e suas filhas por um pedaço de tecido “sacralizado” no ato de criar um brinquedo, uma companhia, uma lembrança, uma esperança.

Em seguida fizemos a oficina das bonecas, utilizando retalhos com diferentes estampas, ensinando passo a passo de como fazê-las. No final da oficina muitas crianças estavam brincando com as bonecas e dando nomes a elas, notamos que estavam bem entusiasmados no momento.

Figura 3- Oficina das bonecas *Abayomi*



Fonte: Acervo dos autores (2024).

Ao finalizar o projeto foi realizado uma exposição com todos os trabalhos feitos pelos estudantes, onde eles apresentavam e explicavam o significado por trás de cada obra. No qual ficou disponível para toda a comunidade escolar apreciar e ver a grandeza da arte em uma perspectiva que enaltece a cultura dos povos africanos.

Figura 4- Exposição dos Trabalhos.

Fonte: Acervo dos autores (2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, que a introdução obrigatória do ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras exige que ocorra grandes mudanças nas práticas e representações pedagógicas que procurem descolonizar os currículos, enfrentando a negação e o silenciamento que se produziu em torno dessas culturas. E mesmo com a lei nº10.63/03 ainda se percebe uma grande resistência em serem trabalhadas essas temáticas. Pensar estratégias de uma educação que trabalhe diversidade, pluralismo, protagonismo do povo negro, identidade, relações étnico-raciais, pertencimento, autoafirmação e tantas outras questões que compõem a luta dos negros no Brasil, não é uma tarefa simples, precisamos antes de tudo de um currículo descolonizado, que pense essas questões e que realmente se aplique no cotidiano escolar.

Nas observações da oficina, notamos alguns interesses dos educandos em quererem participarem das ações apresentadas, trazendo uma atenção maior que causaram inquietação, possibilitando dialogar enriquecendo o momento de apresentação. Assim o projeto pode aproximar os alunos de uma cultura que os não conheciam, sendo contada de uma maneira diferente, valorizando as culturas que foram oprimidas durante a história sendo uma forma de respeitarmos as nossas diferenças.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE, C. N. **Para educar Crianças Feministas: um manifesto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BARBOSA, A. M. **A imagem do ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Diário Oficial da União, Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>. Acesso em: 03 out. 2024.

BRASIL. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº. 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em 03 out. 2024.

BRASIL. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei Federal nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/2003/L10.639.htm#art1. Acesso em: 03 out. 2024.

CAVALLEIRO, E. S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, Preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto: 2020.

D'ADESKY, J. **Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

KULCSAR, R. O estágio supervisionado como atividade integradora. In: FAZENDA, I. C. A. [et al]; PICONEZ, S. C. B. (Coord.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. Campinas: Papirus, 1999.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 5. Ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

SANTOS, M. A. Contribuição do negro para a cultura brasileira. **Temas em Educação e Saúde**, v. 12, n. 2, p. 217-229, 2016.



SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.